MÁSCARAS NA ARTE E CULTURA AFRICANA

SARA ROSILENE CARDOZO DA SILVA

RESUMO

Este trabalho representa uma reflexão sobre o ensino da cultura afro-brasileira em educação no processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental. OBJETIVO: Defender e difundir novas ideias estéticas e novos processos criativos, que propiciem um alargamento da percepção da cultura dos alunos. Entende-se que a educação está ligada ao fazer arte à produção de objetos de arte, propiciando que os alunos aprendam a apreciar e fruir arte. Levando em consideração a temática do curso de —Atendimento Educacional Especializado , a escolha por trabalhar arte africana em sala de aula também possibilita um entendimento positivo de aspectos da cultura africana, bem como de suas contribuições à própria constituição da arte brasileira. MÉTODO: A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, que foi elaborada por meio de autores dessa temática CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Percebemos a importância da capacitação docente para trabalhar, de formas diversas, as contribuições da cultura negra para o patrimônio da humanidade, com a responsabilidade e a proposta de mostrar aos nossos alunos os diversos estilos artísticos voltados principalmente para a arte africana e os locais onde podemos apreciar este estilo de arte. Com isso, concepções menos eurocêntricas de beleza e formas artísticas passam a constituir o universo das crianças, o que pode propiciar um avanço positivo para as relações étnico-raciais no Brasil.

alavras-chave: Arte, Ensino-aprendizagem, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This work represents a reflection on the teaching of Afro-Brazilian culture in education in the teaching-learning process in Elementary School. OBJECTIVE: Defend and disseminate new aesthetic ideas and new creative processes, which provide a broadening of students' perception of culture. It is understood that education is linked to making art and producing art objects, enabling students to learn to appreciate and enjoy art. Taking into consideration the theme of the —Specialized Educational Service course, the choice to work on African art in the classroom also allows for a positive understanding of aspects of African culture, as well as its contributions to the constitution of Brazilian art itself. METHOD: The methodology used in this work was bibliographical research, which was prepared through authors on this topic. FINAL CONSIDERATIONS: We realize the importance of teaching training to work, in different ways, on the contributions of black culture to the heritage of humanity, with the responsibility and proposal to show our students the different artistic styles focused mainly on African art and places where we can appreciate this style of art. As a result, less Eurocentric conceptions of beauty and artistic forms begin to constitute the universe of children, which can provide positive progress for ethnic-racial relations in Brazil.

Keywords: Art, Teaching-learning, Elementary Education.

1 INTRODUÇÃO

Os sistemas artísticos pertinentes a arte não europeia é muito pouco divulgada e apreciada. Já que entendemos que educação artística está ligada a o fazer artístico à produção de objetos de arte, como apreciação e fruição de arte, afirmamos o potencial criativo e lúdico de atividades que incorporem formas estéticas pertencentes às vivências e à arte africana no cotidiano escolar.

Assim, além de os alunos já serem instruídos a perceberem como arte produções estéticas variadas, imaginamos que as próprias relações étnicoraciais que eles estabelecem a partir de então – tanto entre si como no que tange à sociedade mais ampla – podem se desenvolver de forma inovadora. No tocante a História da Arte, podemos perceber que geralmente a arte negra africana não aparece nos livros de História da Arte e quando aparece não é contextualizada, o que favorece sua —folclorização .

Não raramente, ela é definida como: —fetichista, primitiva, exótica . A única exceção a essa regra diz respeito à arte egípcia. Isso ocorre porque, apesar do Egito ser um país do continente africano, os ocidentais durante muito tempo o trataram como —não-África , ou então como uma civilização tida como —superior aos demais povos africanos. Por meio deste trabalho é possível compreender a importância e a necessidade vigentes de prestarmos atenção às variadas formas artística desenvolvidas na África, de forma a trabalhar o potencial criativo, simbólico e social da arte africana com os alunos do Ensino Fundamental.

Em um momento em que vivenciamos a valorização da arte não euro americana no mercado mundial de arte, é importante tomar essa produção de cultura material e trabalhá-la de forma crítica, fazendo conexões com a história e a cultura nas quais essas imagens foram (e ainda são) gestadas.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com o autor abaixo:

Orientar a aprendizagem dos alunos para que refaçam seus esquemas de comportamento, de modo a que estes revertam em crescimento pessoal e se tornem algo significativo para suas vidas como pessoas desejosas de realização, é o desafio para o professor, que vê a aprendizagem não como a simples acumulação de conteúdos, mas como a influência vital e construtiva no sentido de uma melhor maturidade mental, emocional e social (BURTON & MURSELL, 1969, p. 109).

Muito embora concordemos com a afirmação acima, entendemos que o ensino de artes deve levar em conta não apenas a contribuição europeia, normalmente difundida como sendo a única forma de arte existente. Percebemos que em nome de uma ideia bastante específica de arte são propostas, defendidas e disseminadas atividades em que não há o devido respeito às formas de expressão e cultura de outros povos não europeus. De acordo com Gabriel Reis Moraes Machiaveli (2009):

A arte africana é rica em histórias, mitos, crenças e filosofia dos habitantes . A riqueza desta arte tem fornecido matéria-prima e inspiração para vários movimentos artísticos contemporâneos da América e da Europa. Artistas do século XX admiraram a importância da abstração e do naturalismo na arte africana.(MACHIAVELI, 2009, p.17).

A história da arte africana remonta o período pré-histórico. As formas artísticas mais antigas são as pinturas e gravações em pedra de Tassili e Ennedi, na região do Saara (6000 AC ao século I da nossa era). Os africanos faziam seus objetos de arte utilizando diversos elementos da natureza. Faziam esculturas de marfim, máscaras entalhadas em madeira e ornamentos em ouro e bronze.

Os temas retratados nas obras de traziam imagens do cotidiano. Eles esculpiam e pintavam mitos, animais da floresta, cenas das tradições, personagens do cotidiano etc. A arte africana chegou ao Brasil através dos escravos, que foram trazidos para cá pelos portugueses durante os períodos colonial e imperial. (MACHIAVELI, 2009.).

O estudo tradicional de História do Brasil toca na questão da africanidade quando fala da colonização do Brasil, caracterizando a contribuição do negro como especialmente advinda do trabalho escravo. Ainda de acordo com essa historiografia mais tradicional, os grandes heróis no que se refere à luta contra a escravidão no Brasil sequer são negros e escravos, mas sim brancos e letrados, conhecidos como os —abolicionistas .

Outro ponto a ser repensado é a maneira pela qual essa historiografia tradicional defende a ideia extremamente errônea de que a partir da assinatura da Lei Áurea os negros não sofreram mais castigos corporais, aprisionamentos e nem foram subjugados socialmente. A partir desse momento, quase que magicamente, todas as relações étnicas raciais estabelecidas teriam mudado de substância – o Brasil passa a ser considerado um país em que as diversas etnias que constituem sua população convivem em harmonia, sem que haja preconceitos de cor e de raça.

Também lembro que no mês de novembro, em forma de cartazes expostos em mural, colocávamos a figura de Zumbi, como o negro responsável pelos conflitos dos Palmares, de forma a ressaltar como era importante o dia da Consciência negra. Retornando à questão que rege esse trabalho, os negros eram caracterizados como pessoas submetidas a uma alta exploração e a condições precárias de sobrevivência. Passavam as noites nas senzalas, que eram galpões escuros, úmidos e com pouca higiene, acorrentados para evitar fugas. Eram constantemente castigados fisicamente, sendo que o açoite era a punição mais comum no Brasil-Colônia.

A pena de açoite só seria abolida, por lei imperial em 1885, e esta abolição da pena de açoite estimulou os escravos a fugirem, pois não tinham que temerem mais esse tipo de punição caso fosse recapturado, o que fez aumentarem em muito a fuga de escravos nos últimos anos da escravidão no Brasil. Eram proibidos de praticarem suas religiões de origem africana e de realizarem suas festas e rituais africanos.

Tinham que seguir a religião católica, imposta pelos senhores de engenho, sob a alegação de que cumpriam o mandamento cristão de batizar todas as criaturas, razão pela qual muitos negros se tornaram cristãos, especialmente os "Bantos", sendo que, ao contrário, a maioria dos "Minas", que eram mais numerosos na Bahia, permaneceu na religiosidade africana.. . (Guimarães, 2002). O conhecimento sobre as mazelas da escravidão no Brasil é de fundamental importância para que nós consigamos construir uma sociedade mais justa e menos racista.

No entanto, na maneira como geralmente trabalhamos a condição do negro na formação da cultura brasileira, muitas vezes ele aparece como um personagem não dotado de cultura e que apenas contribuiu por ter trabalhado e sofrido na condição de escravo. Dessa forma, contribuímos para a perpetuação da ideia de que os povos negros não foram muito importantes para a própria construção da cultura brasileira.

Com isso, deixamos de aprender e entender, por exemplo, que a cultura africa-

na é muito rica e que os povos trazidos da África contribuíram de forma definitiva para a própria constituição da cultura brasileira, por meio da perpetuação e adaptação de seus hábitos e suas visões de mundo, condizentes com suas heranças culturais.

A cultura africana oferece elementos relacionados a todas as áreas do conhecimento onde serão trabalhados no ensino fundamental, sendo possível que seja explorada por todos os componentes curriculares. Mesmo assim, a História e a Geografia são concebidas como as áreas mais propícias para o desenvolvimento de uma educação pautada na diversidade. No entanto, para isso é preciso romper com uma estrutura pedagógica que privilegia as conquistas e a visão eurocêntrica do mundo.

Para Funari (2011), o ensino da História do Brasil privilegia a contribuição europeia, sobretudo a portuguesa, na constituição da nação brasileira. Na maioria das vezes, as contribuições ameríndias e africanas para a constituição da cultura nacional são relegadas a um segundo plano, sendo lembradas apenas em datas comemorativas (como o dia do índio, o feriado de 13 de maio e o dia da consciência negra) de forma folclorizada. Dessa forma, perpetua-se o ideal de que a cultura brasileira é fundamentalmente constituída por elementos da tradição portuguesa.

O entendimento que os sistemas educacionais devem atentar às contribuições africanas e afro-americanas para a humanidade é fruto de uma luta dos próprios movimentos negros, que começaram a ganhar muita força a partir dos anos 1970, com a descolonização da África. Rachel Rua Baptista

Bakke relata em sua tese de Doutorado —Na escola com os orixás: o ensino das religiões afro-brasileiras na aplicação da Lei 10.639 , que:

Os anos de 1970 compõem um período de ebulição no processo de rediscussão de uma identidade negra. Inspirados nos movimentos de descolonização de países africanos, na renascença cultural caribenha, na luta contra o apartheid na África do Sul e nos movimentos de luta pelos direitos civis nos EUA começa a se articular, na sociedade civil, um movimento político de conscientização da identidade negra que culminará na fundação do MNU (Movimento Negro Unificado) no ano de 1978. (BAKKE, 2011, p. 87).

Concordamos que foi em 1970 que há o início de uma mudança de perspectiva sobre o pertencimento ao grupo negro não apenas no Brasil como no exterior. É nesse momento histórico, repleto de acontecimentos, que a cultura negra passa a ser concebida como sendo importante e rica, e consequentemente, digna de um estudo sistematizado e de uma valorização social. Como sabemos, o Continente Africano era dividido em Reinos antes que os Portugueses chegassem ao Brasil e no reino do Congo as aldeias eram divididas em familiares, distritos e províncias e eram os conselheiros do rei que governavam onde eram comparados com o modo de vida dos quilombos na época da escravidão e nos dias de hoje.

É difícil definir rapidamente o que é a arte africana. Isso ocorre porque, assim como ocorre com a arte europeia:

As artes plásticas da África que se vê nos livros e coleções são produtos desenvolvidos ao longo de séculos. Sejam esculpidos, fundidos, modelados, pintados, trançados ou tecidos, estes objetos da África nos mostram a diversidade de técnicas artísticas que eram usadas nesse continente imenso e que nos dão a dimensão da quantidade de estilos criados pelos povos africanos. (SALUM, 1999, p. 18/19).

A produção material das culturas africanas representa os usos e costumes das sociedades em que foram desenvolvidas. A concepção de arte como objeto a ser meramente contemplado parece não fazer muito sentido para o contexto africano, no qual a maioria das produções que nós classificamos como artísticas possui uma funcionalidade: são objetos desenvolvidos para serem utilizados e na maioria das vezes são ligados a esfera do sagrado, sobretudo aos cultos dos antepassados. Profundamente voltada ao espírito religioso, à arte africana é extremamente representativa e chama atenção pela sua forma estética.

Mesmo os objetos de uso diário, como ornamentos e tecidos, expressam muita sensibilidade. Nas pinturas, assim como nas esculturas, a presença da figura humana identifica a preocupação com os valores étnicos, morais e religiosos. A escultura tem sido uma forma de arte muito utilizada pelos artistas africanos. Os suportes usados são o ouro, bronze e marfim.

O Museu Afro Brasil, localizado dentro do Parque do Ibirapuera, conta a história dos negros no Brasil em papéis, em esculturas, em quadros, em ornamentos, em ferramentas etc. Além das peças, há exposições temporárias de artistas negros que fizeram história, como escritores, entre outros. O Museu abriga uma biblioteca com um pequeno acervo sobre a cultura e a sociedade africana, com obras a serem consultadas no local. Simbolicamente essenciais para a incorporação dos espíritos e a possibilidade de adquirir forças mágicas, as máscaras têm um significado místico e importante na arte africana sendo usadas nos rituais e funerais.

As máscaras são comumente confeccionadas em barro, marfim e metais, mas o material mais utilizado é a madeira. Para estabelecer a purificação e a ligação com a entidade sagrada, são modeladas em segre-

do na selva. Visitando os museus da Europa Ocidental é possível conhecer o maior acervo da arte antiga africana no mundo. Na Bahia temos um acervo significativo no MAFRO, Museu Afro brasileiro, que fica no Terreiro de Jesus, Antiga escola de Medicina.

Os africanos faziam seus objetos de arte utilizando diversos elementos da natureza. Faziam esculturas de marfim, máscaras entalhadas em madeira e ornamentos em ouro e bronze. Os temas retratados nas obras traziam imagens do cotidiano. Eles esculpiam e pintavam mitos, animais da floresta, cenas das tradições, personagens do cotidiano etc. (Bastide, 2008).

Na decoração utilizavam a pintura nas paredes dos palácios reais, celeiros e choupas sagradas. Utilizavam formas essencialmente geométricas e cenas de caça e guerra. Mas a mais importante manifestação da arte africana foi a escultura em madeira que era um dos materiais de maior preferência e significado pelos africanos.

As máscaras eram consideradas uma das fontes principais para a inspiração da arte africana, para eles a máscara representava um meio simbólico por meio do qual eles poderiam buscar as forças mágicas dos espíritos, assim utilizando estes argumentos na cura dos doentes, nos rituais fúnebres, nas cerimônias de iniciação, nos casamentos e também nos nascimentos. Antes mesmo de começar a fazer as máscaras, o artesão evoca uma série de rituais onde ele mesmo coloca em seu rosto uma máscara e desenvolve sua arte. Elementos mais variados das expressões de vontade de criação dos africanos que impressionaram o povo europeu desde as primeiras exposições.

De acordo com Price:

A máscara transforma o corpo do bailarino que conserva sua individualidade e, servindo-se dele como se fosse um suporte vivo e animado, encarna a outro ser gênio, animal mítico que é representando assim momentaneamente. Uma máscara é um ser que protege quem a carrega. Está destinada a captara força vital que escapa de um ser humano ou de um animal, no momento da morte. A energia captada na máscara é controlada e posteriormente redistribuída em benefício da coletividade. (PRICE, 2000, p;21).

A dança não pode ser pensada separadamente da produção artística material africana: ela é como parte constituinte do mesmo ritual no qual as máscaras são utilizadas. Na arte africana, parte do corpo movimenta-se com um ritmo diferente, fazendo com que os braços se equilibrem com os balanços dos pés. Nesse sentido, o corpo pode ser comparado a uma orquestra que toca vários instrumentos, em uma única sinfonia.

Com a dança os africanos trazem no corpo e na memória o aspecto ontológico da estética africana, da tradição, da ancestralidade e do antigo equilíbrio da natureza, a partir dos quais não havia separação entre o mundo dos seres humanos e os dos deuses. Podemos dizer que as "máscaras" são as formas mais conhecidas e que constituem os elementos simbólicos mais variados se convertendo através de expressões da vontade criadora dos africanos, e que foram objetos que mais impressionaram os povos europeus desde as primeiras exposições, embora sem reconhecimento de seu significado simbólico.

As máscaras transformam o corpo do bailarino que, por sua vez conserva sua individualidade e através dele servirá de suporte vivo e animado, encarnando um ser gênio ou mesmo um animal místico que é representando assim momentaneamente. É possível afirmar que a máscara é um ser que protege quem a carrega e está destinada a captar e a relacionar-se com a força vital que escapa de um ser humano ou de um animal.

Em momentos específicos como nos rituais funerários, essa energia captada na máscara é controlada e posteriormente redistribuída em benefício da coletividade, proporcionando um benefício a toda comunidade. A concepção de patrimônio cultural — que abrange as expressões culturais e as tradições de um grupo de indivíduos que possuem uma mesma história e uma memória comum (assim como elos de identidade) — preserva o respeito à ancestralidade comum de uma população, para que ela esteja disponível às gerações futuras. O patrimônio imaterial — definido como o conjunto de saberes, modos de fazer, formas de expressão, celebrações, festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições — é preservado com muita sabedoria pelos africanos.

Devemos lembrar que na África, cada estátua, cada máscara, tinha uma função estabelecida socialmente. Esses objetos não poderiam ser compreendidos tal qual a arte europeia: eles não eram colocados em vitrines, nem eram expostos em museus. A própria concepção de —arte africana foi criada por estrangeiros, que procuravam fazer uma interpretação da cultura material e estética dos povos africanos tradicionais.

Embora hoje esses objetos ainda sejam, muitas vezes, criados com as finalidades ancestralmente fundamentadas (como a utilização das máscaras em momentos rituais), há também uma valorização no mercado internacional dos ditos objetos de —arte primitiva , no qual se encaixa também a produção contemporânea africana. Também não é desprezível a grande procura existente no mercado turístico, uma vez que este geralmente é motivado pela curiosidade e exotismo. (Munanga, 2005).

Lembramos que os objetos e másca-

ras semelhantes aos tradicionais são usados e confeccionados atualmente em rituais religiosos ou em festas populares, assim como também ocorre em alguns casos relativos à cultura popular brasileira. O cenário atual da arte africana é bastante complexo. Há a cultura material (que é considerada pelos africanos de hoje, "religiosa" ou "popular" nos moldes ocidentais), mas também há uma produção que dialoga mais fortemente com o mercado mundial de arte.

Além disso, é possível perceber a influência da arte africana em todo o continente americano, que teve em sua constituição grande contingente de diferentes grupos étnicos africanos. Há semelhanças em conteúdo e forma, assim como em simbologias, entre esses diversos contextos. Entendendo a máscara também como um objeto artístico, ressaltamos as inúmeras possibilidades de trabalhar com esse material que em alguns casos pode ser simplesmente exposta (e contemplada), em outros pode exercer sua função ritual. Como uma terceira via, podemos entender as máscaras como adornos, como pingentes corporais.

Podemos dizer que a máscara transcende sua própria feitura, bem como seus possíveis usos na contemporaneidade. O artista africano não pinta ou esculpe de acordo com um movimento estético, mas sim com uma liberdade muito maior. O auge da arte africana na Europa surgiu com as primeiras vanguardas, especificamente os fauvistas e os expressionistas. As primeiras influências da arte africana chegaram ao Brasil no período colonial, quando populações negras foram escravizadas pelos portugueses. Em contato com as populações ameríndias e portuguesas, que também habitavam o território brasileiro, alguns elementos artísticos africanos se misturaram com os indígenas e portugueses, e assim criaram componentes artísticos.

É sabido que os africanos não vieram, como escravos, exclusivamente ao Brasil. Todo o continente americano recebeu escravos oriundos de diversas regiões da África, que trouxeram consigo sua cultura e sua arte. Tanto isso é verdade, que é possível afirmar a importância da cultura africana em todo o continente americano.

Nesse momento, a —africanidade não se materializa em objetos como máscaras e totens, mas nos recortes das esculturas com chapas de ferro, na moldagem das formas recortadas, nas garrafas vestidas de contas, nas bandeiras tecidas com vidrilhos, nas miçangas e lantejoulas. As esculturas revestidas de miçangas de Camarões da Nigéria, as coroas Yoruba, a tradição do bumba meu boi no Maranhão ou os mantos do maracatu rural de Pernambuco são reconhecidos como manifestações estéticas que tem a herança cultural africana como origem principal.

Assim, é possível dizer que, apesar das muitas diferenças que guardam entre si, todos esses rituais são formas que nasceram com a intenção de dar continuidade à arte africana. Logo, afirmamos que essas formas expressivas diversas guardam a semelhança de ser uma —arte negra produzida na diáspora.

Assim como acontecia em seus contextos originais, a arte de forte influência africana que se desenvolve no —Novo Mundo tem, na grande maioria das vezes, uma dimensão ritual bastante acentuada. Ela nasce, por exemplo, para celebrar a colheita ou até mesmo para evocar os deuses, em uma busca da transcendência do real para o imaginário. Podemos dizer que seria uma grande manifestação, que leva em consideração tanto aspecto da natureza, quanto elementos simbólicos de conexão mais ampla com o universo.

De acordo com professora Ezilda Feuser Zandonai3, em uma conferência ocorrida em 26/11/2010, também no Uruguai, a influência da cultura africana é forte para a configuração da arte local:

No dia 28 de outubro de 1846, o Presidente da República Joaquim Suares, aboliu a escravidão de Uruguai num processo que começou em 1825. Com a abolição da escravatura, os rituais de dança e africanas foram descritos em alguns documentos em Montevidéu e no campo, que ficaram conhecidos como Tangos. O tango se desenvolveu simultaneamente em Montevidéu e em Buenos Aires. Tradicionalmente considera-se uma criação de imigrantes italianos e espanhóis, mas os conhecedores opinam que a dança e a música africana influenciaram profundamente à música e os movimentos da dança que se associam com o Tango. (MEDEIROS, 2012).

Vários etno musicólogos ressaltam que a síncopa, tão presente nos ritmos populares americanos, tem origem nas músicas de tradição africana. Todavia, não é apenas nas tradições musicais populares que se faz sentir essa herança – também na religiosidade, nos mitos, na culinária, nas danças e na própria arte visual sente-se fortemente a presença das matrizes culturais africanas. Sabe-se que os africanos e afro-brasileiros foram submetidos (durante quase três séculos) à escravidão no Brasil, em decorrência de fatores econômicos, sociais e históricos.

Nesse período, bem como no posterior, foram responsáveis pela produção de riqueza, tanto em termos materiais quanto em artístico-culturais. As populações escravizadas eram às vezes mais intelectualizadas do que a própria elite que se constitui na colônia. Enquanto sabe-se que muitos dos portugueses que vinham ao Brasil eram analfabetos e degredados, alguns escravos tinham conhecimentos artísticos privilegiados.

De fato, ressaltamos aqui que não apenas a Europa era produtora de arte no século XVI: os famosos bronzes de Benin (Nigéria) e de Ifé; bem como os de Daomé (Benin), e outras partes nigerianas exibiam trabalhos de cobre de alto valor. Os Ashantis se revelavam através da qualidade e beleza dos seus tecidos. Da Costa do Marfim, Daomé (Benin) e Nigéria, vieram especialistas em madeira e trabalhos em metais, enquanto de Moçambique vieram artesãos de ferro. Com certeza a arte africana chegou ao Brasil junto com os escravos, que foram trazidos pelos portugueses durante o período colonial e imperial.

Alguns elementos artísticos africanos fundiram-se com os indígenas e portugueses, para gerar novos componentes artísticos de uma intensa arte afro-brasileira. Apesar de todo sofrimento e de toda repressão enfrentados pelos africanos no Brasil, é fato que eles conseguiram manter suas tradições, bem como criar elementos de total importância para a constituição da cultura nacional. A arte africana despertou bastante interesse em alguns intelectuais e artistas como Claude Lévi-Strauss, Alfred Metraux e André Breton, que eram completamente fascinados pela produção artística produzida fora do contexto europeu.

De forma geral, a arte africana, lida como primitiva, inspira fortemente a arte moderna na Europa. Em 1905, o famoso pintor Pablo Picasso conheceu a arte africana, que lhe serviu de fonte de inspiração para suas obras no movimento cubista. (Conduru,2009).

É visível a aproximação estética entre as formas das máscaras africanas e a produção de Pablo Picasso (1881-1973). O pintor francês da vanguarda modernista nunca foi à África, mesmo assim foi fortemente influenciado pela arte africana, que produzia obras com máscaras e estátuas que ele tinha enquanto trabalhava. Ele dizia que o "vírus" da arte africana tinha-o contagiado.

Segundo Penrose (1977):

O período [artístico de Picasso] subsequente às Senhoritas começou com pinturas que se desenvolveram sem o tratamento das duas figuras no lado direito do quadro. Sua semelhança com a escultura africana, que se tornara esse ano uma das fontes de inspiração de Picasso, levou à adoção do termo —fase negra para os meses seguintes (PENROSE,

1977).

O contato com a arte africana ocorreu por volta de 1905 e foi fundamental para que esse artista tivesse a inspiração para o movimento cubista. Um exemplo dessa influência é o importante quadro "Les Demoiselles D'avignon", acima reproduzido. Evidentemente, essa é uma releitura formal de uma produção cultural de origem africana. Pablo Picasso estava mais interessado nos aspectos formais, enquanto os artistas africanos que lhe servem de inspiração entendiam as máscaras e as esculturas como um disfarce místico, com o qual poderiam absorver forças mágicas dos espíritos. Esses objetos eram utilizados na cura de doentes, em rituais fúnebres, cerimônias de iniciação, casamentos e nascimentos.

De acordo com José D'Assunção Barros, o período em que a arte africana é descoberta em termos estéticos pelos europeus situa-se entre 1907 e 1910.

Para este autor:

Falar em ARTE para os objetos de escultura negra, bem como para as máscaras ritualísticas, requer alguns esclarecimentos relativizadores. Quando pensarmos mais rigorosamente nas estatuetas africanas, nas máscaras e nos objetos de cerâmica, nas peças de indumentária mágica e nos adornos, e em tantos outros produtos daquilo que, por convenção, denominamos arte negra, deveremos ter sempre em mente que, nas suas culturas de origem, todos estes objetos são —objetos de ação , e não para serem contemplados ou consumidos como obras de arte à maneira ocidental (BARROS, 2011, p. 40).

As máscaras africanas são frutos de culturas com perspectivas bastante diferentes em relação aos padrões europeus. Geralmente, os ocidentais percebem essas imagens como sendo rostos fechados e deformados. As deformações são entendidas como tendo uma finalidade: atender aos propósitos mágicos ou ritualísticos.

Bastante diferentes da representação realista europeia, elas não têm o formato comumente representado de rostos humanos, mas se caracterizam por conter alongamentos e assimetrias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a proposta de trabalhar máscaras africanas é interessante tanto para aluno, quanto para professor. Ambos enriquecem seu conhecimento, passando a ter uma visão mais crítica e pluralista da História e da diversidade étnica e cultural brasileira. Além disso, a desconstrução da ideologia que desumaniza e desqualifica a população afrodescendente pode contribuir para o processo de reconstrução da identidade étnico/racial e autoestima dos afrodescendentes.

Consideramos que o passo fundamental para a aquisição dos direitos de cidadania são as informações prestadas e o conhecimento construído. Com isso, é fato que, a partir do ensino de História da arte africana, é aberto um leque de possibilida-

des de reconhecimento e aceitação dos valores culturais próprios. Em consequência disso, é possível haver uma melhora significativa quanto às trocas interculturais na escola e na sociedade.

Sabemos que o ensino de História da arte africana é apenas uma possibilidade (entre muitas) de abordagem das diretrizes curriculares para a educação étnico-racial. Esperamos que, em conjunto com outras ações, ele possa contribuir com a tarefa de promover o amor a si e ao próximo, bem como o respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

BAKKE, Rachel R. B. Na escola com os orixás: o ensino das religiões afro brasileiras na aplicação da Lei 10.639, 2011, p. 87.

BARROS, José D'Assunção. "As influências da arte africana na arte moderna". IN: Afro Ásia, 44, 2011.

BASTIDE, Roger e FERNANDES, Florestan. Brancos e negros em São Paulo. São Paulo, Global, 2008.

BASTIDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1985.

BURTON, W. H., MURSELL, J. L. Ensinar não é transmitir. POA: Globo, 1969.

CONDURU, Roberto. Ogum historiador? Emanoel Araújo e a historiografia da arte afrodescendente no Brasil. XXIX Colóquio CBHA. Rio de Janeiro, 2009.

FUNARI, Marina Soleo. Reconhecimento e divulgação da cultura africana e Afro brasileira (Estudos sobre o Museu Afro Brasil) - São Paulo, 2011.

GUIMARÃES, Antônio A. S. Classes, Raças e Democracia. São Paulo:

Editora 34, 2002.

MACHIAVELI, F. “Medidas Provisórias: os efeitos não antecipados da EC32 nas relações entre executivo e legislativo”. Dissertação de Mestrado em Ciência Política, Universidade de São Paulo, 2009.

MEDEIROS, Priscila Martins e Paulo Alberto Santos Vieira - METODOLOGIA

DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNO-RACIAIS E INTRODUÇÃO. À MONOGRAFIA - 2012. MUNANGA K - Superando o Racismo na Escola- Brasília – 2005

PENROSE, Roland. Picasso. São Paulo: Círculo do Livro, 1977. PRICE, Sally. Arte Primitiva em centros civilizados – Rio de janeiro – Editor UFRJ-2000.

SALUM, M.J.G. Influência do uso do magstream na flotabilidade de alguns sistemas minerais UFMG: Curso de Pós-graduação em Engenharia

Metalúrgica e de Minas, 1999. (Tese de Doutorado)